

## **FLÁVIO DE CARVALHO: PERFORMANCES E PROJETOS ARQUITETÔNICOS DE UM ARTISTA ALÉM DE SUAS EXCENTRICIDADES**

Charlene Simão<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo aponta dois aspectos a respeito das obras do *performer*, arquiteto e artista plástico Flávio de Carvalho. O primeiro deles diz respeito às duas performances apresentadas no início do Século XX, na cidade de São Paulo, não muito consideradas pela opinião pública. Já o segundo diz respeito às criações arquitetônicas, essas sim, muito valorizadas. Contudo, mesmo as obras que foram reconhecidas pela sociedade, após a morte de Flávio de Carvalho, não foram preservadas e sua principal obra de referência ao trabalho como arquiteto, sua casa, hoje está à beira de desabar. O trabalho encerra com um questionamento acerca da manutenção e conservação de patrimônios artísticos, em forma de arquivos ou de repertórios.

**Palavras-chave:** Flavio de Carvalho; Performance; Arquitetura.

### **FLÁVIO DE CARVALHO**

Flávio Rezende de Carvalho nasceu em 1899, na cidade de Amparo de Barra Mansa, no Rio de Janeiro. Filho de fazendeiros abastados pode, já aos doze anos de idade, estudar em Paris. Aos quatorze anos, estava em Londres quando eclodiu a 1ª Guerra Mundial e, por isso, não conseguiu retornar a Paris. Teve então que permanecer na Inglaterra e continuar seus estudos por lá. cursou Engenharia Civil no Armstrong College e Belas Artes na Edward VII School of Art, ambos na Universidade de Durham.

Conforme Rui Moreia Leite (2008, p.14), na obra *Flávio de Carvalho: o artista total*, Flávio de Carvalho regressa ao Brasil, no segundo semestre de 1922 e, “à princípio mantém-se a margem do grupo de artistas e escritores modernos de São Paulo e inicia sua atuação na imprensa com registros em desenho e comentários sobre espetáculos de bailado então apresentados”. Somente em 1928 é que ele entra para o grupo de modernistas ao lançar-se como arquiteto após propor um projeto para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA. E-mail: charlene\_octus@hotmail.com



Conforme Leite (2008) Flávio de Carvalho pode ser considerado um artista total, pois agregava as funções de artista plástico, arquiteto, encenador teatral, cenógrafo, escritor e animador cultural. Contudo não lhe foi referendado o atributo de performer. De modo geral, pouco é dito sobre suas performances, quando o é, apontam-nas como excentricidades do artista. Por vezes, consideram-nas experimentos para suas obras posteriores como pintor ou arquiteto. Contudo, Segundo Leite (2008, p.77) suas Experiências<sup>2</sup> “tornaram-se independentes da investigação que lhes dá origem, privilegiando nitidamente a experiência vivida”.

### EXPERIÊNCIAS<sup>3</sup>

Sua Experiência número 2<sup>4</sup> ocorreu em sete de junho de 1931. Ao cruzar com uma procissão de Corpus Christi, Flávio de Carvalho não retirou o seu chapéu, ato considerado de muito desrespeito. Por isso ele foi perseguido pela multidão que estava na procissão e só não foi linchado porque a polícia interveio. Já na delegacia Flávio de Carvalho explicou que estava fazendo um experimento para um estudo psicológico sobre multidões. Segundo a manchete do jornal *O Estado de São Paulo*, citada por Ligiéro (2011, p.35), intitulada “NA PROCISSÃO, UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES DA QUAL RESULTOU SÉRIO DISTÚRBO”, Flávio queria investigar “a capacidade agressiva de uma massa religiosa à resistência das forças das leis civis, ou determinar se a força de uma crença é maior que a força da lei e do respeito à vida humana”. Leite (1998), no artigo *Modernismo e Vanguarda: o caso Flávio de Carvalho*, afirma que dessa experiência originou-se um livro (Fig. 1) e uma série de ilustrações contidas nele e em posteriores pinturas a óleo (Fig. 2 e 3).

Já na Experiência nº 3, o que chamou a atenção do artista foi a função que a vestimenta exercia. Criou uma vestimenta masculina para quem vivia nos trópicos, o que diferia muito do modelo importado da Europa. Flávio pensou em um traje unissex (influenciado pelo movimento feminista), que fosse cômodo, higiênico e adequado ao

---

<sup>2</sup> Experiência foi o nome dado por Flávio de Carvalho às suas performance. Em Experiência 2, ele atravessa uma procissão de Corpus Christi de chapéu, em Experiência 3 ele sai as ruas com um vestuário masculino para o verão e em Experiência 4 ele participa de uma expedição de primeiro contato com uma tribo do alto do rio negro.

<sup>3</sup> Abordarei aqui apenas as Experiências nº 2 e 3, pois elas já abarcam a proposta do artista em pesquisar a reação das pessoas nas ruas em situações inusitadas.

<sup>4</sup> Flávio de Carvalho nunca anunciou publicamente a sua Experiência número 1. Segundo Zeca Ligiéro (2011) o crítico Wilson Martins aponta outra experiência provocatória semelhante à experiência número 2, à qual poderia corresponder uma primeira experiência, acontecida em 1618, na França. Nela, Jean La Barre se recusou a tirar o chapéu diante de uma procissão e foi torturado por isso.

verão. Em 1957 saiu às ruas de São Paulo trajando sua criação (Fig.4). Uma camisa com abertura nas axilas, saias e meias arrastão para a livre circulação do ar, uma jaqueta leve aberta tanto na cintura quanto no colarinho e sandálias nos pés. Como era de se esperar, sua aparição causou grande tumulto nas pessoas que o viram na rua, especialmente, nos homens. Contudo, segundo Ligiéro (2011) em *Corpo a corpo: estudos das performances brasileiras*, dessa vez ele não foi ameaçado.

A inusitada roupa de Flávio de Carvalho provocou choque e muita controvérsia em São Paulo. Dessa vez não era a igreja nem a política que se sentiam agredidos por suas performances, mas os homens em geral. Ele deixou a própria imprensa perplexa com sua proposta. Alguns acreditaram que ele era um louco, outros, que era um homossexual exibicionista. (LIGIÉRO, 2011, p. 40-41)

Após duas aparições com o traje, Flávio de Carvalho deu várias palestras em que explicava a eficácia daquela roupa.

Carvalho sempre teve a preocupação de divulgar suas experiências, senão antes de ocorrerem, pelo menos depois. Conforme Leite (2008) após a Experiência nº2 todos os jornais de São Paulo publicaram pelo menos uma nota sobre o ocorrido, utilizando como fonte, principalmente, o depoimento do artista à polícia. Já na Experiência nº 3, ele convocou previamente a imprensa, de acordo com Leite (2008, p.77), “o artista opera com a consciência de que o espaço de atuação é a mídia e procura sempre obter ampla cobertura da imprensa. E, no caso do traje de verão, consegue se exibir na televisão”.

Por essa atitude do artista – talvez não com esse propósito embora ele mesmo tenha escrito um livro sobre a Experiência nº 2 – temos hoje alguns registros e arquivos de suas Experiências.

## **PROJETOS ARQUITETÔNICOS**

De acordo com Carolina Pierrotti Rossetti (2007), na dissertação de mestrado *Flávio de Carvalho: questões de arquitetura e urbanismo*, Flávio de Carvalho em 1923 iniciou sua carreira como engenheiro civil no Brasil e ao longo dos anos de 1920 atuou nos principais escritórios e construtoras de São Paulo. Contudo, segundo com Leite (2008) foi o desencanto com a rotina dos escritórios de engenharia que serviu como estímulo para Flávio de Carvalho desenvolver suas atividades como arquiteto.

Em julho de 1924, para alegrar a mãe, ele projeta sua primeira obra, uma casa na Fazenda Pinheiro de sua família, situada na cidade de Valinhos. Cinco anos mais tarde ele projeta outra casa na mesma cidade, mas desta vez na Fazenda Capuava, que ficou conhecida como *Casa Modernista* (Fig.5 e 6), construída de 1936 a 1938. Conforme o documentário *Flávio de Carvalho em Valinhos: o ilustre desconhecido* (VITURINO, 2000), “por seu arrojo e magnitude, essa casa seria o marco da arquitetura moderna brasileira”, sendo por muitos anos um ponto de encontro entre artistas, intelectuais, políticos, modelos, atrizes e atores brasileiros e estrangeiros.

Seu primeiro projeto na cidade de São Paulo foi criado em 1927 para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, nesse período o modernismo ainda não tinha chegado à arquitetura e Flávio de Carvalho, com o intuito de modernizá-la, passou aquele ano todo se inscrevendo em concursos de arquitetura no Brasil e em outros países, visto que esses concursos conservavam aspectos mais tradicionais e Carvalho queria romper com eles.

E, nessas intervenções, assim como nas propostas de suas Experiências, o artista utiliza da imprensa para exibir suas ideias. Para o projeto do Palácio do Governo de São Paulo, em que não poderia revelar sua identidade, pois o escreveu sob um pseudônimo, Carvalho elabora uma minuciosa forma de poder explicar seu projeto aos jornais, sem lhe revelar, para isso ele concede a si próprio várias entrevistas publicadas em jornais da cidade.

Entretanto, muito pouco do que ele projetou chegou a ser edificado. Nos anos de 1930 dezessete casas foram construídas por ele na Alameda Lorena (Fig.7) em São Paulo. Assim como os projetos que não foram edificados e também como a *Casa Modernista*, a sofisticação e as grandes proporções do conjunto arquitetônico chocaram muitas pessoas. Segundo Viturino (2000), em determinada ocasião Flávio de Carvalho teve que pedir a ajuda da polícia, pois a vizinhança estava jogando diversos objetos em suas casas.

## **DESCASO COM O ARTISTA**

Prestes a completar setenta anos, ele recebeu o título de Cidadão Valinhense, o que lhe deixou extremamente feliz, mas ele ainda se incomodava com o pouco caso que a cidade fazia dele. Em junho de 1973, Flávio de Carvalho morre após sofrer um derrame e um enfarte. Segundo Viturino (2000) antes do enterro ser realizado, o então

prefeito de Valinhos, Arildo Antunes dos Santos, prometeu tomar todas as providências necessárias para a realização do enterro: daria o nome de Flávio de Carvalho a uma rua, faria um monumento em seu túmulo, garantiria recursos para o livro e o filme que estavam sendo feitos sobre ele, restauraria a *Casa Modernista* e a transformaria em um museu. A única exigência era que Flávio de Carvalho fosse enterrado em Valinhos, o que aconteceu. Contudo a restauração da casa e a verba para o livro e o filme permaneceram apenas no discurso. Onze anos depois a *Casa Modernista* foi tombada pela Secretaria Estadual de Cultura no Governo de Paulo Maluf e nunca foi restaurada.

O documentário *Flávio de Carvalho em Valinhos: o ilustre desconhecido* procura investigar esse descaso, ou melhor, os culpados por ele. Mas após tantos anos passados, vários mandatos de governos municipais, estaduais, vários diretores do Ipham e do Condephaat e nada feito em prol da *Casa Modernista*, seria impossível encontrar apenas um culpado.

## **BREVES CONSIDERAÇÕES E ALGUMAS PROPOSIÇÕES**

Infelizmente a curiosidade a respeito de Flávio de Carvalho, no período em que ele viveu, estava mais focalizada para o que chamavam de excentricidades. Suas experiências, por exemplo, não eram consideradas performances, nem estudos psicológicos (proposta para a Experiência nº 2) e nem reavaliação das vestimentas masculinas nos trópicos (proposta para a Experiência nº3). Eram “maluquices” de artista. Bem como sua mais importante edificação, a *Casa Modernista* – a primeira construção modernista do Brasil – que era considerada por muitos uma construção esquisita, em que as pessoas ficavam nuas para serem desenhadas por Flávio de Carvalho conforme Viturino (2000).

Porém, como é de costume, após a sua morte, Carvalho teve reconhecido o valor de seu trabalho como artista (principalmente seus desenhos e pinturas) e suas propostas modernistas para a arquitetura. Entretanto, mesmo assim, sua *Casa Modernista* continua em ruínas.

O que é preciso então para modificar essa situação? Não apenas em relação a *Casa Modernista*, mas sobretudo, ao descaso com o nosso patrimônio cultural?

Flávio de Carvalho é apenas um exemplo, entre outros tantos que estão se apagando por falta de uma forma eficaz de preservação. Ou melhor, em alguns casos,

não é a forma de preservação que é ineficaz, mas sim a completa falta de mecanismos de manutenção e preservação.

Por isso também é importante ressaltar Flávio de Carvalho como um dos primeiros *Performers* brasileiros. Pois suas Experiências eram também atos políticos e não apenas excentricidades como muitos afirmavam e, se assim o faziam, é porque era mais fácil e seguro considerá-las dessa forma do que levar em conta suas propostas revolucionárias. Diana Taylor (2013, p.30) na obra *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas* afirma que o caráter efêmero das performances é extremamente político e questiona: “de quem são as memórias, tradições e reivindicações à história que desaparecem se falta às práticas performáticas o poder de permanência para transmitir conhecimento vital?”

Como Taylor (2013) aborda, a cultura escrita sempre foi mais valorizada que a cultura incorporada e, pensando em como era a cidade de São Paulo no período em que Flávio de Carvalho fez suas Experiências, é fácil compreender também o motivo de suas performances terem sido pouco valorizadas. Talvez seja por ter percebido isso que o próprio artista conseguiu um modo de divulgar por meio da forma escrita suas performances, sendo ao escrever um livro sobre a Experiência nº 2, dando palestras sobre a Experiência nº3 ou chamando a imprensa para fotografar e noticiar suas performances. Evidente que escrever sobre uma performance não seria o mesmo que executá-la ou assisti-la. Taylor (2013, p.45) afirma que “levar a performance a sério, considerando-a um sistema de aprendizagem, armazenamento e transmissão de conhecimento, os estudos da performance nos permitem ampliar o que entendemos por *conhecimento*”.

Porém, de todo modo, é possível que apenas saibamos sobre as performances realizadas por Flávio de Carvalho por conta da preocupação do artista em divulgá-las em formas escritas. Visto que, suas performances em si, eram consideradas pela opinião pública, da época, atitudes estapafúrdias.

Contudo, Flávio propunha em suas performances, bem como em seus projetos arquitetônicos, peças teatrais, ilustrações, pinturas e textos, modos de repensar o papel da igreja na sociedade, sua força e quão a fé cega poderia ser perigosa<sup>5</sup>, questionava os papéis sociais, a posição da mulher e do homem na sociedade, a submissão do Brasil aos costumes europeus, propunha um novo olhar para a arquitetura e o urbanismo ao repensar a propriedade privada.

---

<sup>5</sup> Escreveu e dirigiu uma peça de teatro chamada *O Bailado do Deus morto*, em que questionava a existência de Deus, sendo para ele, uma criação dos homens.

Em relação à arquitetura e ao urbanismo, Rossetti (2007) pesquisou em sua dissertação de mestrado, textos escritos por Flávio de Carvalho, em que discute as novas tecnologias, como elas influenciam os modos de viver e ainda mostra que o artista busca nas civilizações indígenas soluções para os problemas sociais da época, como uma referência ao Movimento Antropofágico.

A produção de textos de Flávio de Carvalho, principalmente a partir da década de 1930, desenvolve diversos aspectos da arquitetura onde discute seu valor social e as novas formas de viver e morar do homem moderno. As concepções urbanísticas do arquiteto colocam em questão o modo pelo qual a cidade influencia na dinâmica do desenvolvimento de seus cidadãos com as transformações tecnológicas e científicas do Século XX e como essas transformações modificam as funções da casa, da arquitetura e da cidade. Essas discussões e atuações foram marcadas por uma procura à internacionalização, ao mesmo tempo em que, procurava certa ralação com as raízes nacionalistas para poder configurar a visibilidade de um novo tempo, questão que os modernistas paulistas tentavam inserir desde a Semana de Arte Moderna. (ROSSETTI, 2007, p.100)

Verifica-se assim, o quão importantes foram as propostas de Flávio de Carvalho para o país e tamanho o descaso do Estado com, na época suas propostas e, hoje em dia, o patrimônio deixado por ele. Taylor (2013) como já citado anteriormente, afirma a clara separação entre a cultura escrita e a incorporada, no caso de Flávio de Carvalho, nem uma e nem outra foram devidamente valorizadas. Conforme a autora (2013, p.48) essa separação esconderia outra, ainda mais grave, aquela entre arquivo e repertório, o arquivo seria “de materiais supostamente duradouros (isto é, textos documentos, edifícios, ossos) e o repertório, visto como efêmero, de práticas/conhecimentos incorporados (isto é, língua falada, dança esportes, ritual)”.

Neste ponto, encerra-se aqui esta escrita, mas de forma alguma a discussão e por/para isso é que deixo em aberto duas questões: Com base na maneira como foi mal preservado o patrimônio cultural deixado por Flávio de Carvalho, quais proposições podem ser estipuladas para que o mesmo não ocorra com diversos outros artistas? E, pensando na distinção entre arquivo e repertório, quais as maneiras mais eficazes de se preservar o nosso patrimônio cultural?

## **REFERÊNCIAS**

LEITE, Rui Moreira. Modernismo e Vanguarda: o caso Flávio de Carvalho. **Estudos avançados** [online]. 1998, vol.12, n.33, pp. 235-244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n33/v12n33a18.pdf>> Acesso em: 04/Mai./2014.

\_\_\_\_\_. **Flávio de Carvalho: o artista total**. São Paulo. Editora Senac, 2008.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ROSSETTI, Carolina Pierrotti. **Flávio de Carvalho: questões de arquitetura e urbanismo**. 2007. 380 f. Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo. Área de Concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VITURINO, Robson. **Flávio de Carvalho em Valinhos: o ilustre desconhecido**. [Filme-vídeo online]. Produção de Fabiano Silvestre, Marcos Oliveira, Rodrigo Busnardo. Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000. 22 min. color. son. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=v7bJnpl4fms>> Acesso em: 04/Mai./2014.



## ANEXOS

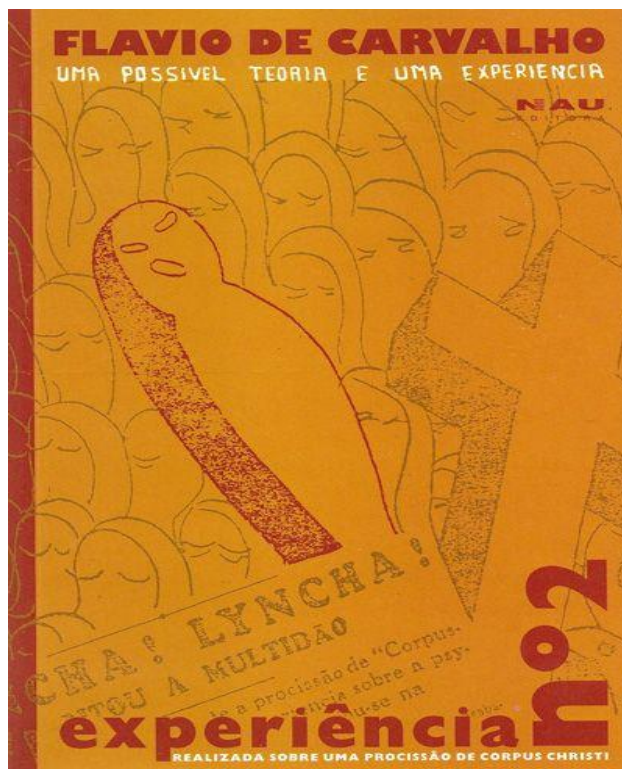


Fig. 1 - Capa do Livro Experiência nº 2, de Flávio de Carvalho.  
Fonte: CARVALHO, Flávio de. Experiência nº 2. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2001.



Fig. 2 - Tela a óleo, *A inferioridade de Deus*.  
Fonte: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/flavio-de-carvalho/flavio-de-carvalho/>



Fig. 3 - Ascensão definitiva de Cristo

Fonte: <http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/flavio-de-carvalho/flavio-de-carvalho/>

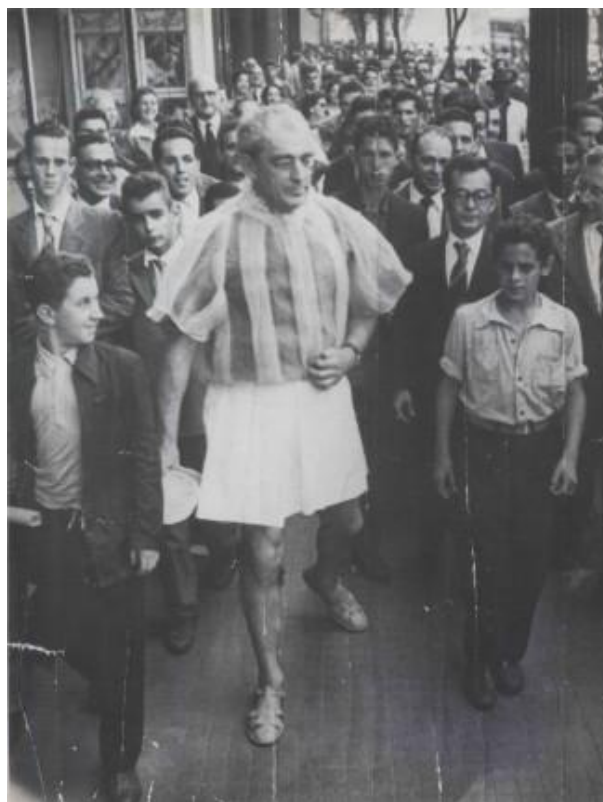


Fig 4 - Experiência nº 3

Fonte: <http://www.afterall.org/journal/issue.24/flavio-de-carvalho-from-an-anthropophagic-master-plan-to-a-tropical-modern-design>



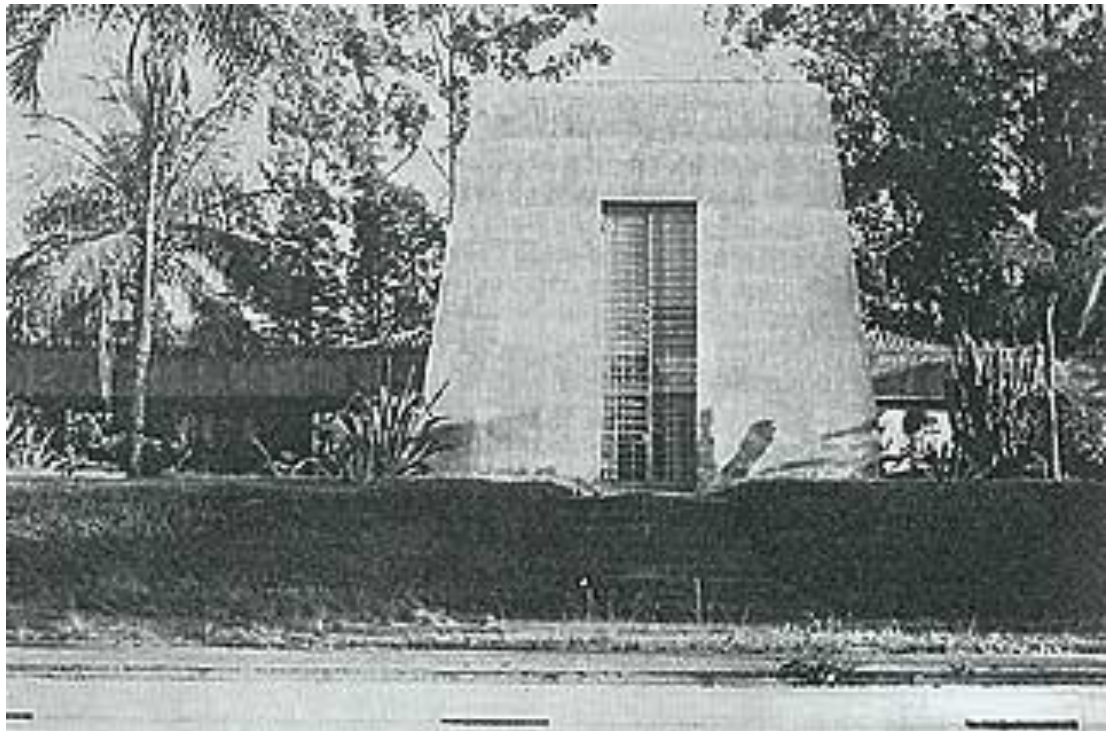


Fig 5 - *Casa Modernista*

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br/memoria/um-fim-alternativo-para-a-casa-modernista-de-flavio-de-carvalho-14-07-2003.html>



Fig 6 - *Casa Modernista* hoje em dia.

Fonte: <http://flaviogomes.warmup.com.br/tag/flavio-de-carvalho/>

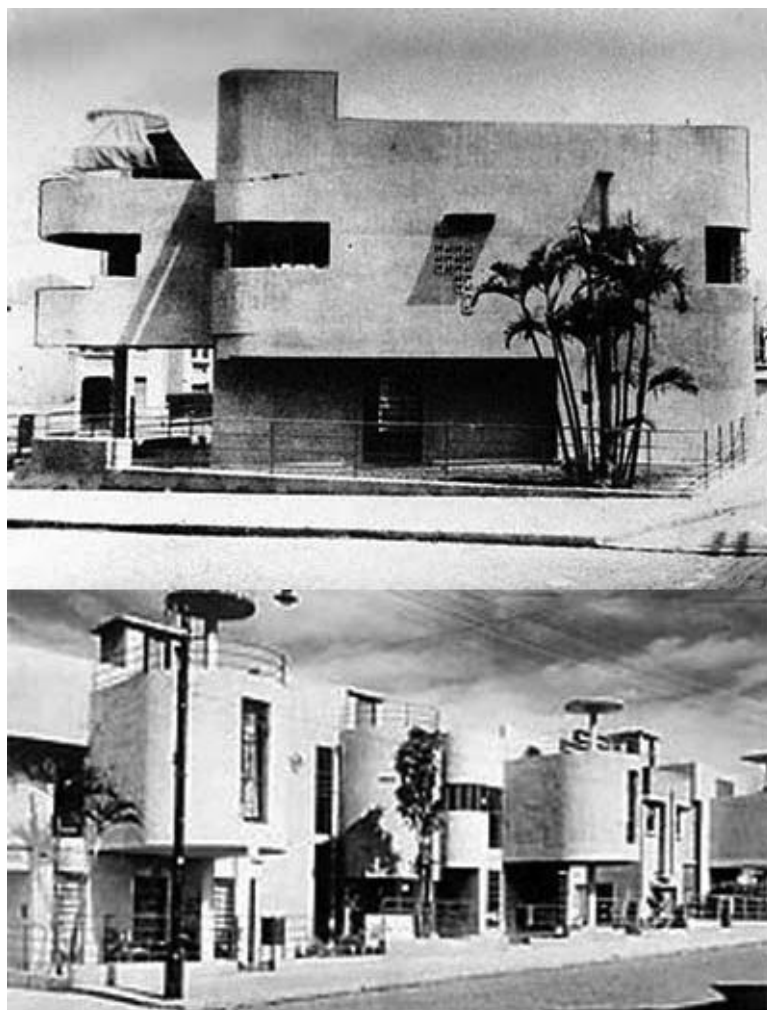


Fig 7 - Fotos de algumas casas da Alameda Lorena.  
Fonte: <http://atelierdeimpressao.com.br/site/index.php/o-adi-mudou/>